O Mesmo Verão Duas Vezes

O mesmo lugar. Pessoas diferentes. Mais uma chance.



Laura Bellini

O Mesmo Verão Duas Vezes

O mesmo lugar. Pessoas diferentes. Mais uma chance.

Laura Bellini

ROMANS

ISBN: 9788384903353

ALL-IN Rafał Płonkowski



ÍNDICE

INTRO 4
Capítulo 1 - Tudo o que não dissemos 11
Capítulo 2 - Os limites que nós mesmos estabelecemos 22
Capítulo 3 - Entre a luz e a sombra 35
Capítulo 4 - O que permanece depois do pôr do sol 47
Capítulo 5 - O direito de dizer não 63
Capítulo 6 - O primeiro beijo depois de tantos anos 74
Capítulo 7 - Uma proximidade perigosa 87
Capítulo 8 - Onde o filme termina 98
Capítulo 9 - Tudo o que podemos perder 109
Capítulo 10 - Já não existe acaso entre nós.....120
Capítulo 11 - O direito de estar perto 131
Capítulo 12 - A data da partida 142
Capítulo 13 - O preço das expectativas dos outros.....153
Capítulo 14 - A verdade que ainda não conhecemos.....163
Capítulo 15 - A última manhã daquele verão 173
Capítulo 16 - A distância que escolhemos.....184
Capítulo 17 - Tudo o que depende de mim.....195
Capítulo 18 - O primeiro passo sem garantias..... 207
Capítulo 19 - O que realmente escolhemos.....219
Capítulo 20 - O verão que permaneceu conosco 232

INTRO

A primeira coisa que vi quando cheguei foi o mar. A segunda foi o homem que eu havia passado onze anos tentando não lembrar.

Ele estava no terraço de pedra da Villa Serena, com as mãos apoiadas no parapeito. Vestia uma camisa clara de linho, com as mangas dobradas, e uma calça escura. O vento agitava seus cabelos, um pouco mais curtos do que eu me lembrava. Não conseguia ver seu rosto, mas reconheci a maneira como inclinava a cabeça quando estava pensando em alguma coisa. A memória guardava certos detalhes com uma precisão surpreendente, mesmo quando fazíamos de tudo para nos livrar deles.

Parei o carro diante do portão de ferro e desliguei o motor. Pela janela aberta entrava o cheiro dos pinheiros aquecidos pelo sol, do sal e do alecrim que crescia ao longo da entrada. Era o fim de junho. O Adriático exibia aquele tom indecentemente bonito de turquesa que, nas fotografias, parecia resultado de uma edição exagerada.

Eu tinha vindo para trabalhar. Para ajudar uma amiga. Para descansar de Cracóvia e de uma agenda profissional em que cada dia era dividido em horas, e cada hora pertencia a outra pessoa.

Não tinha vindo atrás de lembranças.

O celular vibrou no banco do passageiro.

— Syl, já chegou? — perguntou Lena, antes mesmo que eu pudesse dizer alguma coisa.

— Estou na frente do portão. Só me responde uma coisa.

— Se for sobre o ar-condicionado, consertaram ontem.

— O Maks Sęk está aí com você?

Houve um silêncio. Breve, mas suficiente.

— Eu ia te contar.

Fechei os olhos.

— Lena.

— Eu sei.

— Você sabia que eu chegaria hoje.

— Sabia.

— E também sabia que ele estaria aqui.

— Há três dias.

Olhei novamente para o terraço. O homem se virou para pegar alguma coisa sobre a mesa. Só então percebi um projetor portátil e uma tela enrolada, apoiada contra a parede.

— Por quê?

— Porque preciso de vocês dois.

Lena disse aquilo como se a resposta fosse óbvia. Nós nos conhecíamos desde a faculdade. Ela sabia como era difícil para mim dizer não às pessoas que eu amava e nunca, até aquele momento, havia se aproveitado disso.

Duas semanas antes, ela me pedira ajuda para lançar a programação cultural de verão na propriedade que herdara da tia. Minha função seria preparar traduções, cuidar da comunicação com os hóspedes estrangeiros e ajudar a organizar os eventos literários. Lena precisava de alguém em quem pudesse confiar, porque a reforma havia consumido suas economias, e a primeira temporada decidiria o futuro daquele lugar.

Eu havia concordado em ficar seis semanas. Por uma remuneração que estabelecemos de maneira justa, com um quarto só para mim e a possibilidade de continuar realizando meus próprios trabalhos. Em meados de agosto, voltaria para Cracóvia, onde me esperava uma parceria com uma editora pela qual eu vinha trabalhando havia anos.

Era um plano sensato. Meu.

E não incluía Maks.

— Ele é responsável pelo cinema ao ar livre — explicou Lena. — Preciso dos equipamentos e da experiência dele. Sem as sessões noturnas, não consigo fechar a programação.

— Você podia ter me avisado.

— Fiquei com medo de que você não viesse.

Aquilo doeu mais do que a própria surpresa.

— Você devia ter me deixado decidir.

— Tem razão — respondeu ela, baixinho. — Me desculpa. Estou na cozinha. Entra, por favor. Vamos conversar.

Desliguei, mas continuei sentada, imóvel, por mais alguns instantes. No terraço, Maks deslocou uma pequena mesa, desobstruindo parte da vista para a baía. Aquele movimento tão simples trouxe de volta uma lembrança que eu não queria revisitar: nossas mãos entrelaçadas sobre um parapeito parecido, onze anos antes, quando eu tinha vinte e três anos e acreditava que coragem significava fingir indiferença.

Naquela época, não lhe disse que queria ficar mais tempo.

Ele não pediu que eu ficasse.

E, na última manhã, nós dois nos comportamos como se aquele verão juntos não tivesse passado de um episódio agradável.

Saí do carro.

Eu me lembrava dos degraus de pedra que levavam à entrada desde minha visita anterior. Suas bordas haviam sido alisadas por gerações de hóspedes, e pequenas flores brancas cresciam nas frestas. Naquela época, Lena e eu ficávamos nos quartos do andar de cima, e a tia dela nos permitia usar o terraço depois que o restaurante fechava.

Agora havia uma placa nova com o nome da propriedade junto à porta. Sob a pintura recente das paredes, ainda era possível distinguir as antigas rachaduras.

Fui até o porta-malas e tirei minha mala. Uma das rodinhas ficou presa entre as pedras irregulares do calçamento. Puxei a alça uma vez, depois outra, cada vez mais irritada com minha própria falta de jeito.

— Pelo lado esquerdo vai ser mais fácil.

A voz veio de trás de mim.

Não precisei me virar para saber a quem pertencia.

— Eu dou conta.

— Não tenho dúvidas.

Maks não se aproximou mais. Quando virei a cabeça, ele estava parado a alguns passos de distância. Tinha trinta e nove anos, embora eu ainda conseguisse enxergar nele algo do homem de vinte e oito que conhecera. As mesmas sobrancelhas marcantes, o sorriso ligeiramente torto, a maneira tranquila de olhar. Alguns fios grisalhos haviam surgido junto às têmporas.

Onze anos não o haviam tornado menos bonito. Haviam tornado muito mais difícil ignorá-lo.

— Oi, Sylwana — disse ele.

Não usou o antigo apelido carinhoso. Fiquei grata por isso.

— Maks.

Ele olhou para minha mala e depois para os degraus.

— Lena está esperando lá dentro. Neste exato momento, está acontecendo um verdadeiro drama com a máquina de café na cozinha.

— Ela ainda tenta consertá-la dando pancadas na carcaça?

— Agora também está usando argumentos verbais.

Sorri sem querer. Arrependi-me imediatamente, porque Maks percebeu.

— É bom ver você — disse ele, em voz mais baixa.

Aquela frase era perigosamente comum. Não continha cobranças, declarações nem qualquer tentativa de explicar o passado. Mesmo assim, por um instante, esqueci por que queria tanto manter distância.

— Eu não sabia que você estaria aqui.

O sorriso desapareceu de seu rosto.

— Imaginei isso há pouco. Lena te contou?

— Só agora.

— Ela me falou da sua chegada ontem à noite.

Apertei os dedos ao redor da alça da mala.

— E você decidiu ficar.

— Tenho um trabalho para fazer aqui, Sylwana. Assim como você.

Não soou como uma desculpa. Pareceu mais a definição de um limite do qual eu mesma precisava.

Assenti.

Maks indicou uma passagem mais estreita ao lado da escadaria, que descia suavemente em direção à entrada lateral.

— Tem uma rampa por ali. Se quiser, posso te mostrar o caminho.

— Eu conheço.

— Então, até mais.

Ele voltou em direção ao terraço, deixando que eu fosse embora sem nenhuma outra pergunta. Fiquei observando-o por alguns instantes, surpresa com o quanto aquela ausência de insistência me machucava.

Na cozinha, Lena se jogou em meus braços antes que eu conseguisse colocar a mala no chão. Cheirava a sabonete de limão e café, que aparentemente havia finalmente conseguido arrancar da máquina.

— Sou uma amiga horrível — anunciou.

— Hoje você realmente tem argumentos bem fortes para sustentar essa afirmação.

Ela se afastou para me olhar nos olhos.

— Eu não estava tentando juntar vocês dois. Juro.

— Preferia que você nem usasse essa expressão.

— Preciso dele para o cinema. De você para a programação literária e o contato com os hóspedes. É só isso, de verdade.

Olhei pela janela para o terraço iluminado pelo sol. Maks conversava ao telefone enquanto verificava a fixação da tela de projeção. Não tentou olhar para dentro da cozinha.

Lena me entregou um copo de água gelada.

— Você vai ficar?

Tomei um gole. Eu havia chegado ali com meus próprios planos e não pretendia abandoná-los só porque o passado resolvera vestir uma camisa de linho.

— Vou ficar — respondi. — Mas, de agora em diante, nada de surpresas.

Lena assentiu, visivelmente aliviada.

Uma risada baixa de Maks chegou até nós pela janela. Era tão familiar que, por um segundo, voltei a ter vinte e três anos, os cabelos molhados depois de um mergulho noturno e a camisa dele jogada sobre meus ombros.

Coloquei o copo sobre a bancada.

Eu podia trabalhar com ele. Podia cruzar com ele nas escadas, conversar sobre a programação e tratá-lo como qualquer outro colega de trabalho. Afinal, eu já não era a mesma mulher daquele verão.

Mas seria capaz de olhar para ele todos os dias, sabendo que, um dia, eu o havia deixado partir sem dizer uma única palavra sincera?

Capítulo 1 - Tudo o que não dissemos

A primeira reunião de organização começou quarenta minutos depois de Lena prometer que não esconderia mais nada de mim. Eu estava sentada à mesa grande da antiga sala de jantar, com meu laptop, um caderno e um copo de água que ninguém tivera tempo de gelar. Pelas janelas abertas entrava o perfume dos ciprestes aquecidos pelo sol. Do outro lado da parede, alguém arrastava móveis, enquanto do terraço vinham ruídos de ferramentas. A Villa Serena se preparava para sua primeira temporada depois de anos de abandono. Eu me preparava para seis semanas que seriam completamente diferentes do que havia planejado.

Lena espalhou sobre a mesa um cronograma impresso.

— Preciso da ajuda de vocês porque não vou conseguir fazer tudo sozinha — começou. — E, antes que algum dos dois pergunte, não, não tenho dinheiro sobrando para contratar uma agência profissional.

Puxei a folha para perto de mim. A programação previa três noites de cinema por semana, dois encontros literários e eventos nos fins de semana para os hóspedes da propriedade. Cada atividade fora descrita com o entusiasmo de alguém que conseguia visualizar perfeitamente o resultado final, mas não necessariamente se lembrava de todas as etapas necessárias para chegar até ele.

— Quando você pretende abrir as reservas? — perguntei.

— Na sexta-feira.

Olhei para ela por cima dos óculos.

— Daqui a quatro dias?

— Exatamente.

— Ainda não temos as descrições prontas, os convidados confirmados nem os horários definitivos.

— É por isso que você está aqui.

— Não consigo traduzir eventos que só existem na sua imaginação.

Lena abriu a boca, mas, antes que pudesse responder, Maks entrou na sala de jantar. Carregava uma caixa metálica de ferramentas e uma pasta de documentos. Sua camisa agora estava aberta junto ao pescoço, e percebi um pequeno arranhão em seu antebraço. Deixou a caixa perto da porta, pediu desculpas pelo atraso e se sentou à minha frente.

Não tentou fazer nenhuma referência ao nosso encontro diante da casa. Na verdade, comportava-se com tanta naturalidade que senti uma irritação irracional. Como se onze anos de separação tivessem sido apenas um intervalo um pouco mais longo entre duas conversas.

— Consegui verificar a instalação elétrica do terraço — disse a Lena. — Não vou ligar os equipamentos ali enquanto um eletricista não trocar duas tomadas e examinar o quadro de distribuição.

— E se usássemos extensões?

— Nesse caso, teríamos mais cabos ligados à mesma instalação defeituosa.

Ele falava com tranquilidade, sem a menor intenção de constranger minha amiga. Guardei aquele detalhe. O Maks de antigamente podia ser impaciente quando alguém não compreendia suas ideias. Aquele homem claramente aprendera a distinguir a falta de conhecimento da falta de boa vontade.

— Tenho o contato de um eletricista — ofereci. — Ele ajudou uns conhecidos na modernização de uma pousada perto de Split. Posso ligar para ele.

Maks me observou com mais atenção.

— Você fala croata?

— Bem o suficiente para explicar um problema técnico. E, se me faltar vocabulário, tenho um dicionário e não sinto vergonha de usá-lo.

— Disso eu me lembro.

Não perguntei do que mais ele se lembrava.

Lena respirou aliviada e começou a falar sobre os convidados. Duas escritoras da Polônia, um ensaísta croata e uma tradutora italiana conduziriam conversas sobre literatura de viagem. Eu conhecia alguns dos livros deles. Escutei com interesse crescente, anotando no caderno os pontos que precisavam de confirmação. Quando a conversa passou para as noites de cinema, Maks abriu sua pasta.

— Precisamos mudar os horários das sessões — anunciou.

Lena franziu a testa.

— Por quê?

— Às nove da noite ainda estará claro demais. Com essa tela, preciso esperar pelo menos mais meia hora. O ideal seria começar as projeções depois das nove e quarenta e cinco.

— Nesse caso, os encontros com os autores vão se sobrepor às sessões — observei.

— Por isso precisamos alterar a programação.

— Não podemos mudar todos os eventos de horário só porque o projetor precisa de escuridão.

— O projetor não negocia com o pôr do sol.

Levantei os olhos. Maks apoiava os antebraços na mesa e me encarava sem nenhum sinal de divertimento.

— E os convidados não são peças de equipamento que podemos deslocar conforme a necessidade — respondi. — Alguns já têm horários definidos de chegada e partida. Precisamos de uma solução que leve todos em consideração.

— Concordo. Mas, se você quiser exibir um filme à luz do dia, não vou colocar meu nome como responsável por essa sessão.

Havia uma firmeza em sua voz que eu ainda não tinha ouvido. Não era agressividade. Justamente por isso, era mais difícil ignorá-la.

Lena olhava de mim para ele e dele para mim.

— Talvez pudéssemos...

— Primeiro preciso saber o que já foi prometido aos convidados — interrompi delicadamente. — Não vou alterar condições confirmadas sem o consentimento deles.

— E eu preciso ter autoridade para suspender uma projeção se as condições técnicas forem inseguras ou se não houver a licença adequada — acrescentou Maks. — Minha empresa é responsável pelos equipamentos e pela legalidade das exibições.

Compreendi que não se tratava apenas de uma diferença de temperamento. Ele era dono de um cinema ao ar livre, com reputação própria, compromissos assumidos e contas para pagar. Eu precisava garantir a coerência da

programação e respeitar as pessoas que haviam confiado em Lena. Nenhum de nós podia simplesmente ceder e fingir que o problema tinha desaparecido.

— Então vamos dividir as decisões — propus. — Você define as condições técnicas das sessões e a lista dos filmes para os quais temos direitos de exibição. Eu organizo a programação levando em conta os compromissos confirmados com os convidados. Lena aprova as alterações finais.

Maks me observou por alguns instantes.

— Desde que não anunciemos nenhuma sessão antes da minha confirmação.

— E que nenhum encontro literário seja transferido sem me consultar.

— Combinado.

Ele estendeu a mão por cima da mesa.

Olhei para ela por um instante um pouco longo demais. Era maior do que eu me lembrava, com uma pequena área de pele endurecida perto do polegar. Quando apertei sua mão, ele correspondeu de maneira breve e profissional. Não tentou prolongar o contato entre nossos dedos.

Quase me senti decepcionada.

Depois da reunião, permaneci na sala de jantar para organizar minhas anotações. Lena saiu correndo para receber uma entrega de roupas de cama, e Maks voltou ao terraço. Durante alguns minutos, ouvi apenas o som das teclas do laptop e das cigarras do lado de fora da janela. Eu já havia enviado dois e-mails quando apareceu na tela uma mensagem da editora de Cracóvia.

A editora confirmava o recebimento de uma amostra da minha tradução e informava que a conversa sobre uma colaboração de longo prazo aconteceria em meados de agosto. Ainda não era uma proposta de contrato, mas representava o primeiro sinal concreto em meses. Eu sonhava com aquele trabalho. Depois de anos traduzindo manuais, contratos e materiais publicitários, queria voltar à literatura. Não porque desprezasse minha atividade profissional até então. Simplesmente estava cansada de adiar minhas ambições mais importantes.

Respondi imediatamente, confirmando minha disponibilidade.

— Boa notícia?

Levantei a cabeça. Maks estava parado junto à porta aberta que dava para o terraço. Não percebera quando ele havia voltado. Segurava um cabo enrolado, e uma mancha mais escura de suor aparecera em sua camisa.

— Profissional.

— Então é boa.

— Nem toda notícia profissional é boa.

— Mas você sorriu ao ler essa.

Fechei o laptop.

— Está me observando?

— Entrei para pegar o esquema da instalação. É difícil não perceber alguém que passou as últimas duas horas olhando para um cronograma como se ele fosse um inimigo pessoal.

— Gosto de saber o que estou fazendo.

— Eu me lembro.

Ele afastou a cadeira sobre a qual deixara sua pasta e retirou de dentro dela o desenho técnico do terraço. Não tinha pressa, embora eu soubesse que ele percebia que sua presença não me era indiferente.

— Posso te perguntar uma coisa? — disse.

— Sobre a organização?

— Não.

Arqueei as sobrancelhas.

— Depende da pergunta.

Por um momento, pareceu considerar várias maneiras possíveis de formulá-la.

— Minha presença realmente te incomoda ou o problema é apenas a maneira como você ficou sabendo que eu estaria aqui?

Eu preferiria que tivesse perguntado qualquer outra coisa. Por exemplo, sobre a tributação de serviços prestados no exterior. Ou sobre a declinação dos nomes de lugares croatas.

— As duas coisas — respondi.

Ele aceitou sem protestar.

— Entendo.

— Mesmo?

— Não tenho o direito de esperar que você fique encantada com uma surpresa dessas depois de onze anos.

Observei-o com atenção.

— Você não parece surpreso.

— Estou surpreso. Só não vejo motivo para transformarmos isso num espetáculo.

Aquela frase me atingiu com mais força do que deveria. Durante anos, imaginei diferentes versões do nosso reencontro. Nelas, eu era fria ou espirituosa. Às vezes fazia um discurso que deveria fazê-lo compreender o que havia perdido. Mas a realidade me oferecera uma sala de jantar comum, um cronograma inacabado e um homem capaz de aceitar uma resposta desagradável.

— Não pretendo fazer espetáculo nenhum — declarei.

— Ótimo.

— Mas também não vamos fingir que somos velhos conhecidos que simplesmente não encontraram tempo para telefonar.

Maks deixou o cabo de lado.

— Não pretendo fingir isso.

Seu rosto continuou tranquilo, mas percebi que seus dedos apertaram com mais força o encosto da cadeira.

— Nesse caso, podemos trabalhar — anunciei.

— Podemos.

Entretanto, ele não foi embora imediatamente.

— Sylwana?

Olhei para ele.

— O quê?

— Fico feliz que, naquela época, você não tenha tentado fingir ser outra pessoa.

Franzi a testa.

— Quando?

— Onze anos atrás. Você tinha muita certeza do que queria.

Por um instante, fiquei sem resposta. Lembrei-me da conversa na praia, na última noite daquele nosso verão. Eu lhe dissera que não pretendia mudar meus planos por causa de um romance de férias. Pronunciara aquelas palavras com uma convicção que, na verdade, não sentia.

— Às vezes, a autoconfiança é apenas uma atuação muito convincente — respondi.

Algo passou por seu rosto.

— Eu sei.

Não tive tempo de perguntar o que ele queria dizer. O chamado de Lena veio do pátio, e Maks se virou em direção à porta.

— Preciso verificar a entrega. Até amanhã preparo para você a lista de filmes e das limitações técnicas.

— Vou te enviar uma proposta de cronograma.

Ele assentiu e saiu.

À noite, a propriedade foi ficando gradualmente silenciosa. Lena cuidava da contabilidade em seu escritório, enquanto eu me sentava na varanda do meu quarto, no andar de cima. Da poltrona onde estava, conseguia ver parte do terraço e o mar. Ao longe, as luzes dos barcos que retornavam ao porto se deslocavam lentamente.

Abri um documento com meu plano de trabalho para as seis semanas seguintes. Reservei horários para os projetos dos clientes habituais, a preparação da amostra literária e as responsabilidades na propriedade. Deixei até as tardes de domingo livres. Não pretendia repetir o erro de anos atrás, quando era capaz de organizar um dia inteiro em torno da expectativa de ver uma única pessoa.

O celular vibrou.

Uma mensagem de um número desconhecido trazia a fotografia de uma planta do terraço desenhada à mão.

"Maks. Lena me passou seu número para podermos acertar a programação. Se preferir contato por e-mail, é só avisar. Marquei em vermelho os lugares por onde não podemos passar cabos."

Ampliei a imagem. O desenho era preciso, com medidas e breves explicações. No canto inferior, havia um pequeno esboço de uma cadeira dobrável e uma observação: "Não colocar aqui, mesmo que pareça romântico".

Sorri.

Respondi: "E-mail para assuntos formais. Mensagens para decisões urgentes. E cadeiras românticas não são minha especialidade".

A resposta chegou pouco depois.

"Uma pena. Antigamente você era muito boa nisso."

Li aquelas palavras duas vezes. Não porque não compreendesse seu significado. Justamente porque o compreendia bem demais.

Durante alguns instantes, pensei em escrever alguma coisa leve, talvez um pouco provocadora. Por fim, deixei o celular de lado sem responder.

Alguns minutos depois, ouvi música. Uma melodia instrumental suave vinha do terraço. Inclinei-me sobre o parapeito da varanda. Maks estava sentado sozinho nos degraus de pedra que levavam ao jardim. À sua frente havia uma pequena caixa de som, e um caderno repousava ao lado dele.

Sob a luz dos últimos raios de sol, sua silhueta parecia familiar de uma maneira quase dolorosa.

Onze anos antes, eu prometera a mim mesma que, se algum dia voltasse a encontrá-lo, não permitiria que as lembranças decidissem por mim.

Agora, pela primeira vez, compreendia o quanto sabia pouco sobre aquilo que realmente havia ficado inacabado entre nós.

Fechei a porta da varanda, mas a música continuou chegando pela fresta.

No dia seguinte, começaríamos a trabalhar juntos. Eu precisava de regras claras, prazos definidos e um pouco de bom senso.

O que mais me inquietava, porém, era o fato de Maks não ter tentado me conquistar nem uma única vez durante toda aquela tarde.

E, mesmo assim, estava ficando cada vez mais difícil parar de pensar nele.

Capítulo 2 - Os limites que nós mesmos estabelecemos

Na manhã seguinte, acordei com o som dos sinos de uma igreja próxima. Eram seis e quarenta e cinco, definitivamente cedo demais para uma temporada de verão às margens do Adriático, mas meu corpo havia muito tempo deixara de distinguir dias de trabalho de dias de férias. Levantei, abri as venezianas e passei alguns instantes observando a baía. A superfície do mar estava quase imóvel, e pequenas embarcações deixavam rastros prateados sobre a água. O ar ainda tinha um frescor agradável, que desapareceria assim que o sol ganhasse força.

Antes do café da manhã, examinei minhas mensagens. O eletricista havia respondido à minha consulta e sugerido uma visita na tarde seguinte. A editora enviara materiais adicionais para a entrevista. Lena deixara três perguntas no aplicativo de mensagens sobre as descrições dos eventos, e Maks mandara a lista de filmes com informações sobre as licenças.

Li a mensagem dele duas vezes, dessa vez por motivos exclusivamente profissionais. O documento estava cuidadosamente preparado. Cada título apresentava uma relação separada de custos, exigências técnicas e restrições relativas às exibições públicas. Não havia promessas desnecessárias nem despesas escondidas. Eu gostava de trabalhar com pessoas que compreendiam que profissionalismo também significava saber dizer o que não era possível fazer.

Às oito, desci para a cozinha. Lena estava sentada à mesa, com uma caneca de café e o telefone junto ao ouvido.

Falava croata rapidamente, com evidente tensão. Encontrei iogurte, frutas e um pão que alguém havia deixado dentro de um saco de papel. Quando comecei a preparar meu café da manhã, minha amiga encerrou a ligação e apoiou a cabeça nas mãos.

— Me diga que você tem uma boa notícia — pediu.

— O eletricista vem amanhã.

— Eu te amo.

— Eu sei. Mas precisamos conversar sobre o cronograma.

Lena suspirou.

— Você e Maks são realmente muito parecidos.

Parei a faca sobre o pêssego.

— Não somos.

— Os dois começam as frases com "precisamos conversar" e depois me explicam por que minhas ideias são impossíveis.

— A diferença é que eu proponho soluções.

— Ele também.

Ela sorriu com inocência, e decidi não prolongar aquela discussão.

Depois do café da manhã, espalhamos os documentos sobre a mesa. Mostrei a ela minha proposta de dividir os eventos em dois blocos: tardes literárias e projeções mais tarde, à noite. O problema continuava sendo dois encontros com autores que só poderiam chegar no período noturno. Eu não queria alterar os horários das apresentações sem conversar previamente com eles. Por isso, propus um dia sem sessão de cinema e outro com uma exibição mais curta.

— Maks não vai gostar — observou Lena.

— Por quê?

— Ele quer três sessões regulares por semana. Isso é importante para ele porque planejava divulgar aqui seu ciclo de cinema europeu.

Deixei a caneta de lado. Sabia que ele administrava o próprio negócio, mas não tinha percebido o quanto a regularidade dos eventos era importante para seus planos.

— Então vamos conversar nós três.

— Vocês não precisam resolver cada detalhe na minha presença — observou Lena. — Podem chegar a uma proposta sozinhos.

— É justamente por isso que eu preferiria que você estivesse presente.

Minha amiga me observou com um divertimento delicado.

— Syl, vocês estão na casa dos trinta. Acho que conseguem se sentar à mesma mesa sem supervisão.

— Não é uma questão de supervisão.

— Eu sei.

Ela não disse mais nada, e senti aquela pontada familiar de irritação. Lena me conhecia suficientemente bem para perceber quando eu não queria admitir meus próprios receios.

Maks apareceu na sala de jantar pouco depois das nove. Trouxe duas canecas de café e uma pequena sacola da padaria.

— Lena disse que você está trabalhando desde cedo — anunciou. — Pensei que talvez precisasse de alguma coisa mais forte do que água.

Colocou uma das canecas ao lado do meu laptop.

— Você não sabe como eu tomo café.

— Preto, sem açúcar.

Olhei para ele.

— Isso foi onze anos atrás.

— Se mudou de gosto, eu tomo os dois.

Ele não parecia alguém tentando me impressionar com a própria memória. Disse aquilo com naturalidade, como se fosse um detalhe guardado sem esforço.

Peguei a caneca.

— Ainda tomo preto.

— Bom saber.

Ele se sentou do outro lado da mesa e abriu o laptop. Durante a meia hora seguinte, trabalhamos no cronograma, verificando os horários do pôr do sol, a disponibilidade dos convidados e as possibilidades técnicas do terraço. Maks não me interrompia quando eu explicava as restrições relacionadas aos encontros literários. Eu escutava enquanto ele esclarecia as diferenças entre sessões comerciais e eventos organizados como parte de uma programação cultural.

Aos poucos, começava a compreender por que Lena precisava tanto da ajuda dele. Maks conhecia não apenas os equipamentos, mas também as pessoas e os procedimentos. Era capaz de antecipar problemas que nem sequer me ocorreriam.

— Se transferirmos a sessão de terça-feira para quarta, conseguimos manter as três projeções — propus. — Mas